

O COTIDIANO DA MULHER LIVRE NO PERÍODO COLONIAL: a influência da igreja nas práticas de sexualidade¹

Mayra Silva dos Santos
Acadêmica de Pedagogia
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Resumo

O artigo tem como finalidade identificar traços do cotidiano da mulher livre no período do Brasil colônia, enfatizando a influência da igreja nas práticas de sexualidade. A partir do diálogo com a historiografia posta, apresentam-se reflexões sobre as relações de gênero, onde os comportamentos determinados culturalmente para a mulher, geralmente a mantinham em posição de subalternidade. Os autores que subsidiaram a pesquisa, Ribeiro (1978) Del Priore (2011) Mendonça e Ribeiro (2011) fazem um levantamento da realidade vivida por essas mulheres.

Palavras chaves: Sexualidade. Igreja. Gênero.

Introdução

Conhecer alguns fatos relacionados ao cotidiano da mulher livre no período em que o Brasil foi colônia de Portugal é muito importante para compreendermos alguns fatos perdurados atualmente. É notável que, ao fazer um estudo mais preciso, encontramos vestígios que evidentemente vão esclarecer muitas dúvidas, fatos e pensamentos considerados comuns, mas que são originados de um período que a igreja influenciava de forma grandiosa a vida dessas mulheres, principalmente no que se diz respeito às práticas de sexualidade.

O objetivo deste trabalho é analisar o cotidiano da mulher livre no Brasil, buscando um enfoque conciso nos conhecimentos e nas práticas da sexualidade dentro da colônia, por meio da pesquisa sobre a influência da igreja na vida dessas mulheres, relacionar a vida cotidiana das mesmas e seu significado para o contexto atual, em uma perspectiva histórica.

O trabalho foi realizado através de pesquisas bibliográficas, utilizando autores como Arilda Inês Miranda Ribeiro (1987), Mary Del Priore (2011) e João Guilherme Rodrigues

¹ Trabalho curricular apresentado á Universidade Estadual do Maranhão para obtenção de nota na disciplina de História da Educação Brasileira.

Mendonça e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2010), que fazem um levantamento historiográfico sobre a realidade vivida pelas mulheres no período colonial.

Desenvolvimento

O cotidiano da mulher livre no Brasil colonial era totalmente voltado para os cuidados da casa e dos filhos. Segundo Ribeiro (1987) a mulher era considerada propriedade do marido, da mesma forma que os escravos e os animais domésticos. A concepção de instrução trazida de Portugal para o Brasil colocava o homem em um patamar de autoridade magnífico, pois a educação era reservada apenas para os indivíduos do sexo masculino. A mulher, dessa forma, ficava desfavorecida devido à falta de instrução e a preparação, e por isso na maioria das vezes eram enganadas e exploradas pelos homens. A inexistência de uma educação formal para as mulheres ocasionou uma série de prejuízos, dentre eles um analfabetismo feminino cruel dentro da colônia.

A igreja exercia forte pressão sobre a educação sexual feminina. O homem como ser superior, representava Cristo no lar, a mulher deveria estar submissa ao marido como a igreja está a Cristo. A mulher estava condenada a pagar o erro de Eva, que levando seu marido ao pecado o condenou a viver fora do Paraíso, seu dever era manter-se comportada e submissa, conservando o silêncio para cumprir no decorrer da vida sua predestinação.

[...] que dizer, porém da mulher *normal*? Ela também carregava o peso do pecado original e por isso, sobretudo sua sexualidade, devia ser vigiada muito de perto. Repetia-se como algo ideal, nos tempos coloniais, que havia três ocasiões em que a mulher poderia sair do lugar durante toda sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada [...] (DEL PRIORE, 2011, p. 49).

Em relação a isso, Ribeiro (1987) mostra que logo após o casamento o prazer sexual mantido com seu esposo era considerado pecado para a mulher que servia à risca as regras da igreja. O ato sexual tinha como finalidade apenas gerar os filhos dos senhores, colocando a mulher como meras reprodutoras. A Igreja Católica proibia o prazer no ato sexual, pois o orgasmo era considerado “coisa do Demônio”. Del Priore (2011, p.52) cita que o corpo da mulher e do homem só poderia ser usado para a procriação dos filhos. O corpo considerado santo não era apto para brincadeiras lascivas dentro da relação sexual:

[...] o casal, porém, continuava a sofrer interferência da Igreja no leito conjugal. Nada de excesso, nada de erotismo, como prescrevia São Jerônimo desde o ano de 392: “Escandaloso é também o marido demasiado ardente com para com sua mulher”, porque “nada é mais imundo do que amar a sua mulher como a uma amante [...] Que se apresentem à sua esposa não como amantes, mas como maridos” Moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas a procriação de filhos [...]

Pode-se afirmar a proibição do prazer, através de um controle composto por regras de teólogos e moralistas, onde se condenava a relação sexual em qualquer posição considerada fora dos padrões e que pudesse levar a cópula irresponsável. De acordo Mendonça e Ribeiro (2010), a igreja exercia controle sobre o comportamento da mulher antes e depois de casar. No casamento o controle da igreja era de promover a contenção do desejo, a clausura e a submissão da mulher frente ao marido.

Seus maridos, que muitas vezes mantinham uma vida sexual ativa antes de se casarem, encontravam o prazer com as escravas e as índias dentro da colônia, ou seja, as traições eram consideradas normais, pois no seu casamento não encontravam prazer em suas relações. Isso acontecia muitas vezes pela questão de que os casamentos eram tratados como acordos comerciais, nos quais o pai escolhia um genro possuidor de terras com o objetivo de aumentar seu patrimônio. Neste período era normal a idade que o casamento entre homens e mulheres acontecia; as meninas se casavam muito cedo, por volta de 11 e 12 anos, e o homem por volta dos 40 anos de idade. A educação sexual era inexistente, as mães não explicavam como acontecia a penetração. Por conta disso aconteciam verdadeiros estupros, pois os homens que se casavam com elas estariam aptos para casar só após o falecimento de seu pai, logo tendo acesso ao patrimônio da família.

Dentro da família dessas meninas nem todas estariam aptas para casar, escolhiam-se apenas as mais saudáveis e as demais eram levadas aos conventos.

[...] as meninas teriam um destino menos diversificado. O pai escolhia três ou quatro dentre as mais saudáveis para os casamentos arranjados e as demais eram trancafiadas nos conventos, tendo vocação ou não. Eram assim que os pais evitavam o problema de possuírem muitos genros que delapidariam ou dividiriam suas terras [...]. (RIBEIRO, 1987, p.19)

O homem como foi falado mantinha seu prazer sexual, tendo relações com a índia e a negra. Segundo Del Priore (2011), no entanto, as mulheres livres de nenhuma forma podiam manter relações fora do casamento, sendo totalmente castigadas se fossem pegas em algum ato de adultério, em contraposição dos homens que se pegos não recebiam nenhum tipo de castigo, se não por raras exceções.

Resultados e Discussões

Ao longo da pesquisa foi constatado que o cotidiano da mulher livre no período colonial era influenciado pela igreja e família, sendo a igreja uma instituição significativa nessa ideologia. Ao longo dos séculos ainda permanecem resquícios desse período em que a definição do papel da

mulher era limitada apenas a casa, aos desejos do marido e aos cuidados dos filhos, e trabalhar além dos espaços domésticos era, sem dúvida, sofrer discriminação. Segundo Mendonça e Ribeiro (2010), o início do século XX esteve marcado como um período onde o lugar da mulher seria dentro de casa. Seu dever consistiria em manter o marido fora do tédio, o lar de inteira responsabilidade das mulheres consistiria em umas das principais atribuições na sua vida, fugir desse papel estaria alegando total irresponsabilidade, impossibilitando o papel de boa esposa e mãe dentro de casa e perante a sociedade.

Conclusão

Portanto, podemos ver que história da mulher livre no Brasil é bastante notável e importante para entendermos nosso presente. O período colonial foi essencialmente marcado por uma educação masculina onde o homem ocupava um lugar de superioridade em relação à mulher, com isso, seu papel era fortemente influenciado, a igreja exercendo um forte domínio na vida delas participava ativamente nas decisões do marido, principalmente no que se diz respeito à sexualidade. Compreender o cotidiano da mulher livre nesse período implica aliar e entender uma construção ideológica perdurada à figura da mulher que perpassa através dos séculos e permanece até os dias atuais.

Referências

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**: São Paulo: Contexto, 2011.

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. “Algumas reflexões sobre a condição da Mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX”. **Revista ibero-americana de Estudos em Educação, São Paulo, 2010**. Disponível em:<<http://www.unesp.br/iberoamericana.html>\>. Acesso em 01 de outubro de 2015.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. “Mulheres e educação no Brasil-Colônia: Histórias entrecruzadas”. **Biblioteca digital da UNICAMP, São Paulo, 1897**. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br.html>\>. Acesso em 05 de outubro de 2015.